

LIMA BARRETO: UMA RELEITURA DA OBRA DO AUTOR SOB A ÓTICA PÓS-COLONIAL

Antônio Márcio Da SILVA*

- **RESUMO:** Este estudo objetiva fazer uma releitura da obra de Lima Barreto sob a ótica dos estudos pós-coloniais, visando compreender os temas abordados pelo autor e como ele os relaciona a problemas existentes no Brasil de seu tempo. A análise contempla a produção barretiana em sua totalidade—romances, alguns de seus contos e histórias curtas—no intuito de mostrar como diferentes elementos de sua obra oferecem informações para entender um país pós-colonial, em tese, mas que, ao mesmo tempo, parece ter perpetuado as estruturas coloniais na prática. Portanto, o estudo foca cinco temas em particular que têm sido recorrentes em estudos pós-coloniais: língua, mulher, nacionalismo, classe social e raça, visto proporcionarem vários elementos necessários à discussão sendo empreendida e contribuir para a releitura proposta nesta pesquisa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto. Pós-colonialismo. Literatura Brasileira. Nacionalismo. Língua. Mulher.

Não devemos nos esquecer de que textos literários são sempre *mediações*: eles não refletem o mundo passivamente, mas interrogam-no ativamente, tomam várias posições em relação a concepções dominantes, resistem ou criticam formas dominantes de ver. Ler um texto em seus contextos histórico, social e cultural significa atender às formas que ele lida *dinamicamente* com questões que o próprio levanta. (MCLEOD, 2000, p.144, grifo do autor)¹.

Em seus curtos 41 anos de vida, Lima Barreto publicou uma obra diversificada. Escreveu, criticou e debochou da sociedade brasileira de seu tempo, rendendo-lhe a referência: “Lima Barreto, escritor maldito”, presente no título do livro de Silva (1976) e o autor acrescenta na contracapa “malditos são todos aqueles que dizem verdades incômodas”. Menções como esta explicariam o motivo pelo qual o escritor

* University of Kent. Department of Hispanic Studies. Canterbury, UK, CT2 7NF. antonio.marcio@hotmail.co.uk

¹ Todas as traduções dos textos em inglês são nossas.

Artigo recebido em 29/03/2014 e aprovado em 14/07/2014

fora esquecido por um longo período após a sua morte em 1922. De fato, Barreto veio a ser “redescoberto” apenas nos anos 1970 quando começou a aparecer um número considerável de pesquisas e publicações sobre sua vida e obra². Tal “redescoberta” foi fundamental para o reconhecimento do escritor no cânone da literatura brasileira.

Lima Barreto produziu uma literatura de denúncia, condizente com sua origem. São visíveis, em sua obra, o sofrimento das pessoas vivendo num país ex-colônia, a grande diferença de poder que marca o espaço entre ricos e pobres e a exploração a que a classe dominante submete aqueles que pertencem às classes inferiores. Tal fato permite inferir que a colônia simplesmente mudou o administrador, mas os desfavorecidos continuam na mesma posição social. Negros, mulatos e pobres continuam sendo explorados, enquanto “brancos” ocupam a posição de dominadores.

Com a proclamação da República em 1889, o domínio passa às classes dominantes. Em sua obra, Lima Barreto demonstra insatisfação com a dominação da elite, desafiando esta posição mantida no país. Ele não vê como natural este novo poder “colonial” e, portanto, questiona a aceitação deste pela sociedade em geral. A posição do autor nos remete a McLeod (2000), o qual argumenta que ao tentar desafiar a ordem das coisas, alguns de nós precisamos reexaminar nossas pressuposições sobre o que foi ensinado como natural ou verdadeiro. Todavia, não se está sugerindo, no presente estudo, que Barreto tenha sido o único a discordar do sistema já perpetuado no país, nem se pretende escolher sua obra como a grande e primeira revelação pós-colonial. De fato, traços desta temática podem ser identificados tanto em obras anteriores a Lima Barreto, como em *Iracema* (publicada em 1865) de José de Alencar, quanto posteriores, como em *Macunaíma* (publicada em 1928) de Mário de Andrade, ambas conectadas ao desafio “anti-colonial”, mas sob diferentes facetas. Porém, a diferença é o fato de Barreto não estar ligado à classe dominante, mas àquela que é explorada e sofre com os vestígios do colonialismo, ao mesmo tempo que experimenta um quase “novo colonialismo”.

Portanto, pretende-se neste estudo fazer uma releitura da obra de Lima Barreto sob a ótica dos estudos pós-coloniais, visando compreender os tópicos abordados pelo autor e como estes são relacionados a problemas existentes no país de seu tempo. Reconhece-se a importância dos romances de Barreto na totalidade de sua obra; porém, esta análise contemplará alguns de seus contos, de suas histórias curtas, visto proporcionarem vários elementos necessários à discussão empreendida neste artigo.

A abordagem pós-colonial no presente artigo relaciona-se à discussão de Franz Fanon (apud MCLEOD, 2000) sobre colonialismo, para quem o fim do colonialismo não significava apenas mudança econômica e política, mas psicológica.

² Algumas publicações a respeito de Lima Barreto nos anos 1970 e 1980, respectivamente, incluem: Antônio (1977), Barbosa (1964), Beiguelman (1981), Cury (1981), Fantinati (1978), Lins (1976), Morais (1983) e Silva (1976).

Para Fanon, o colonialismo só seria destruído quando esta forma de pensar sobre identidade fosse desafiada com sucesso. Esta proposição do autor pode ser frequentemente evidenciada em Barreto em sua representação de um país que se diz república, mas cujos dirigentes repetem modelos estrangeiros, e parecem se identificar com os países ainda colonizadores no início do século XX. Tal fator não é somente recorrente na literatura—a qual é possivelmente a expressão mais significativa dos usos do conceito de língua adotado nos estudos pós-coloniais—mas também na estrutura e nos grupos sociais existentes no país; sejam estes organizados em virtude de origens étnicas, sejam da classe social a que pertencem. A obra barretiana se engaja com diferentes grupos étnicos e/ou pertencentes a distintas camadas sociais e desenvolve uma construção estética que é baseada em relações sociais, fatores que tornam sua obra inovadora.

Para Morais (1983), as características estéticas e sociais da obra barretiana dão à sua literatura a impressão de ter sido escrita para o futuro, possibilitando-nos, então, uma leitura atual do escritor. De fato, se comparados o enfoque do escritor em sua obra aos problemas do Brasil atual parece que ele realmente escreveu para o futuro, ou que talvez não previsse mudanças de posições entre os “substitutos do colonizador”—a classe dominante, e a “classe dos colonizados”—representada por aqueles que ocupam a base da pirâmide social. Ademais, esta leitura atual de Barreto remete a um dos princípios dos estudos pós-coloniais, o qual, de acordo com McLeod (2000), envolve ler textos produzidos por escritores de países com história de colonialismo, principalmente textos concernentes aos trabalhos e legado do colonialismo no passado ou no presente. A obra de Barreto evidencia resquícios do colonialismo e mostra que os problemas do Brasil de seu tempo ecoam os da época em que o país estava sob o domínio europeu.

A escrita barretiana é tão atual que seria difícil não relê-la levando em consideração a crítica pós-colonial desenvolvida nas últimas décadas. Entretanto, salienta-se que tal concepção crítica foi e tem sido aplicada, quase que exclusivamente, às ex-colônias africanas, sendo a América Latina constantemente excluída desta perspectiva³. Nota-se que a ênfase tem sido dada a datas de independência, ao invés de se fazer uma análise da situação do país que tenha sido colônia por algum período, mostrando o que restou do sistema colonial, e como tal país tem lidado com sua realidade após o fim da colonização. Questiona-se, portanto, se apenas a data de independência é o que se deve levar em consideração ao abordar esta ou aquela literatura no escopo pós-colonial. Como argumenta McLeod (2000, p.157, grifo do autor), é importante que “[...] textos ‘clássicos’ sejam relidos para que se descubram posições emergentes e anti-coloniais que eles possam, talvez não intencionalmente, disponibilizar para o

³ Para discussão sobre pós-colonialismo na América Latina, ver Fiddian (2000); sobre o Brasil, ver entrevista com Ella Shohat e Robert Stam (SANTOS; SCHOR, 2013).

leitor”. No caso de Lima Barreto, não é necessário grande esforço para extrair de sua obra vestígios da colonização portuguesa.

Em um artigo sobre estudos pós-coloniais em relação à América Latina e descolonização global, Coronil (2004) aponta a falta de tais estudos no contexto desta região geográfica e questiona a esse respeito, embora sem oferecer respostas. No entanto, o autor enfatiza que as respostas certamente não são fáceis, fato que chama atenção para o papel dos estudos “pós-coloniais” no conjunto de reflexões regionais na forma de legados do colonialismo, ou melhor, “colonialismos”. Mais uma vez é reforçada a necessidade de se observar o que restou do colonialismo, assim como o que mudou e como as classes dominantes ainda oprimem os cidadãos em desvantagem; ou seja, permanece o modelo prévio de dominação dos colonizadores. Coronil salienta que o uso do termo pós-colonialismo em referência à América Latina é quase recente; porém acrescenta que a concepção de colonialismo ou pós-colonialismo como ferramenta crítica de análise já era utilizada nos Estados Unidos por meio do termo “dependência”.

A respeito do uso do conceito “dependência” por teóricos pesquisando sobre a América Latina, Cardoso (apud CORONIL, 2004) informa que tais estudos eram “consumidos” nos Estados Unidos como “teoria de dependência” associados ao trabalho de Andre Gunder Frank. Sob o ponto de vista de Coronil, apenas foram mudados os termos, mas a situação da América Latina nos estudos pós-coloniais ainda permanece pouco alterada. A exclusão desta área geográfica pode ser facilmente constatada em discussões sobre pós-colonialismo, as quais raramente fazem referência à América Latina; fato que nos leva ao que Ashcroft (apud CORONIL, 2004) argumenta a respeito da necessidade de mudança de abordagem na crítica pós-colonial, apesar do mesmo autor ignorar a América Latina. Para Ashcroft, o discurso pós-colonial é o discurso dos colonizados e produzido em contextos de colonização, embora não haja a necessidade de ser anticolonial. Ainda de acordo com Ashcroft (apud CORONIL, 2004, p.227), “[...] as estratégias transformativas do discurso pós-colonial, as quais abrangem as mais profundas rupturas da modernidade, não são limitadas aos colonizados recentemente”. Assim, questionar um texto que denuncia a permanência de um sistema que repete o modelo do colonizador ilustra o momento histórico no qual este foi escrito, como evidencia a obra de Lima Barreto.

Contexto econômico, social e político em que Lima Barreto escreve

É através da palavra, da literatura, que Lima Barreto encontra uma forma para se opor à dominação autoritária adotada no país, ao expor o grau dos problemas da sociedade de sua época. O argumento de Spivak (apud CHRISMAN, 2004, p.183) ao expressar sua visão sobre nacionalismo parece explicar a razão de tal problema,

uma vez que nacionalismo, para esta autora, é “uma legitimação reversa ou deslocada do colonialismo”, condenado a repetir a ‘violência epistêmica’ do colonialismo que esse havia rejeitado”. A classe dominante toma o poder, no entanto, a situação não muda para os dominados, ou seja, a elite simplesmente adota a atitude que Fanon (apud MCLEOD, 2000, p.89) criticou, segundo o qual, “[...] a burguesia nacional substitui o antigo assentamento europeu”. Portanto, tal atitude parece contribuir para o estabelecimento de um “novo colonialismo”, reforçando, assim, o argumento de que o colonialismo não se encerra após o grito de independência; ou seja, as mudanças não ocorrem para a classe subalterna que mais sofreu durante o domínio colonial. Isto é evidente na obra de Lima Barreto, como por exemplo, na metafórica república dos Bruzundangas em *Os Bruzundangas* (BARRETO, 2000).

Barreto mostra, por meio de sua crítica, que os “intelectuais nativos”, educados em um sistema elitizante, não se dirigem ao povo, muito menos o representam. O que se nota é um grupo de intelectuais que se afasta do povo para atender e fazer parte da elite dominante. Por exemplo, há uma passagem no final de *O falso Dom Henrique V* (em *O homem que sabia javanês e outros contos*, BARRETO, [200-a]), em que o narrador informa sobre a decisão do príncipe de proclamar a república em Bruzundanga. Conta o narrador que o “[...] sábio príncipe proclamou por sua própria boca a república, que é ainda a forma de governo da Bruzundanga mas para a qual, ao que parece, o país não tem nenhuma vocação”. E acrescenta: “Ela espera ainda a sua forma de governo.” (BARRETO, [200-a]). O escritor parece criticar abertamente a situação política do Brasil, visto que não basta ter uma forma de governo diferente do colonialismo, uma vez que não se sabe o que fazer com tal sistema de governo, ou pior, repetem-se as atitudes dos ex-colonizadores. Como expõe McLeod (2000), vencer o colonialismo não consiste apenas em devolver as terras às pessoas despossuídas ou retornar o poder àqueles que foram governados pelo Império. De acordo com o mesmo autor, é preciso também vencer as maneiras de ver o mundo e representar a realidade de modo a não repetir valores colonialistas. Porém, o que se vê no país e, conseqüentemente, na ficção de Lima Barreto, é a perpetuação do modelo de colonização; uma repetição dos valores e atitudes das metrópoles europeias e a opressão à grande maioria da população.

A perpetuação do modelo colonial pode ser observada nas falas do “bacharel de Goiás” no conto *Milagre de Natal* (BARRETO, [200-a]), no qual há uma clara crítica à repetição dos modelos coloniais pela classe dominante. Isto é ilustrado quando o dito bacharel, com a intenção de impressionar os demais participantes do jantar em que está, declara que vai “entroncar o nosso Direito administrativo no antigo Direito administrativo português” (BARRETO, [200-a]). Esta fala, além de ser uma crítica às leis e à organização do sistema político baseado em modelos pré-estabelecidos, pode ser vista como uma referência indireta à literatura estrangeira, tida como padrão de qualidade artística. Outro exemplo de denúncia barretiana dos problemas que surgem

no sistema de governo pode ser observado em *O falso Dom Henrique V* cujo narrador faz questão de salientar os problemas decorrentes da transferência de governo de Bruzundanga, informando que “nunca houve tempo em que se inventassem com tanta perfeição tantas ladroeiras legais” (BARRETO, [200-a]). E o narrador expõe não somente os problemas de corrupção, mas também o frequente problema com a vinda de imigrantes para substituir os antigos escravos negros. Portanto, os mandos e desmandos de uma classe controladora e exploradora são expostos pelo escritor como sendo os principais, senão os únicos, responsáveis pela situação social caótica no país.

O escritor critica também a impunidade e a injustiça constantemente praticadas pelos comandantes do país. No conto *Foi buscar lâ* (BARRETO, [200-a]), ele denuncia a quase condenação do pobre Casaca, um bêbado tido como culpado por roubar e espancar o doutor Campos Bandeira. Não fosse o doutor ter se recuperado da loucura que se encontrara em consequência do ataque sofrido, o pobre homem pagaria por um crime que havia sido cometido pelo doutor Felismino Praxedes. Campos Bandeira declara: “Senhor juiz, quem me quis matar e me roubou, não foi este pobre homem que aí está no banco dos réus; foi o seu *eloqüente* e *elegante* advogado” (BARRETO, [200-a], grifo nosso). Como pode ser observado na citação, o escritor faz questão de escolher seus vocábulos—“eloqüente” e “elegante”—os quais expressam não só a ironia como também sua crítica às leis, as quais geralmente se aplicam apenas aos considerados “degenerados”: negros, pobres, loucos e bêbados. Ironia é um aspecto forte na escrita de Barreto. De fato, sua escolha de vocábulos não é aleatória e sempre contém uma enorme dose de crítica e ironia. Um dos pontos mais ironizados por ele é a forma de tratamento que é usada para se referir a poderosos. Por exemplo, em *Eficiência militar*, o autor esbanja de seu tom irônico, ao colocar uma sequência de vocábulos um tanto sarcásticos: “Vossa Excelência, Reverendíssima, Poderosíssima, Graciosíssima, Altíssima e Celestial.” (BARRETO, [200-a]).

As críticas feitas por Lima Barreto também remetem ao que Spivak (apud CHRISMAN, 2004) aponta como sendo uma das falhas no processo de descolonização, isto é, a de ignorar os grupos subalternos. Em sua análise sobre tal problema, Chrisman (2004) argumenta que muitos países pós-coloniais não têm tido sucesso em acabar com as desigualdades socioeconômicas e a não-liberdade política criada pelo colonialismo é incontestável. Porém, o problema talvez seja não apenas o de ignorar, mas de se instalar um sistema que simplesmente repita o período colonial do país, ou mais sério, um sistema ainda pior que o do período colonial, cujos problemas decorrem da violência e exploração dos indivíduos que se opõem ao sistema. Tem-se mais uma vez o perigo de privilegiar a elite e sacrificar a grande massa da população. Por exemplo, em *O único assassinato de Cazuza* (BARRETO, [200-a]), na conversa entre Hildegardo (Cazuza) e o doutor Ponciano, vê-se a constante preocupação com a situação do país em tal época:

Não leio os jornais que não me apavore com tais notícias. Não é aqui, nem ali, é em todo o Brasil ... além desses assassinatos, praticados por capangas—que nome horrível!—há os praticados pelos policiais e semelhantes nas pessoas dos adversários dos governos locais, adversários ou tidos como adversários [...] penso, de mim para mim, ao ler tais notícias, que a fortuna dessa gente que está na câmara, no senado, nos ministérios, até na presidência da república se alicerça no crime, no assassinato. (BARRETO, [200-a]).

A crítica barretiana aos benefícios que a classe que ocupa o poder cria para si própria para ter vantagens sobre os demais é evidente em duas passagens de *O falso Dom Henrique V*. O narrador denuncia: “outra forma de extorquir dinheiro do povo e enriquecer mais ainda os ricos eram as isenções de direitos alfandegários” (BARRETO, [200-a]). Um dos comentários do narrador em outra passagem do texto é ainda mais válido para representar a situação real que o povo enfrentava em tal país: “[...] a Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, porém, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava” (BARRETO, [200-a]).

São recorrentes também na obra de Barreto menções à luta do povo e o sofrimento enfrentado em consequência da má administração do país, de políticos corruptos e impunes; fatos que ainda assolam o país atual, quase um século depois de sua morte. Isto permite questionar se um país que já foi colônia consegue, em algum momento, vencer a mentalidade e o modelo do sistema colonial, onde há sempre a necessidade de se ter um espaço imensurável entre a classe dominante e a da base da pirâmide social. Parece ser necessário haver sempre tal diferença social. Na realidade, não seria tal sistema desigual responsável por gerar tantos problemas de violência? Ou seja, em certo momento os explorados hão que dizer não ao domínio e privilégios de uma minoria. Talvez o problema mais agravante seja, como evidenciado na ficção barretiana, o fato de somente os criminosos da classe subalterna pagarem pelos seus crimes; os demais ficam impunes. Os problemas em Bruzundanga não diferem significativamente dos problemas do Brasil atual.

Uma reflexão sobre elementos pós-coloniais e a obra de Lima Barreto

Língua

A temática “Língua” é de grande importância nos estudos pós-coloniais. De fato, a relação entre língua e poder tem sido frequentemente discutida em tais estudos. McLeod (2000), por exemplo, assinala que os discursos coloniais formam as interseções em que língua e poder se encontram. O autor lembra que uma língua é mais do que um simples meio de comunicação, e que a mesma constitui nossa

visão de mundo ao dividir e organizar a realidade em unidades significativas. É por meio desta variável que Lima Barreto denuncia os resquícios do sistema colonial. O escritor mostra como políticos a usam em seus discursos, como forma de poder e manipulação, como ocorre repetidas vezes no conto *Numa e a Ninfa*, no qual políticos recorrem à oratória no intuito de manipular pessoas e para que estas os considerem sábios.

A crítica barretiana ao uso da língua é ponto culminante em grande parte de sua obra. Por meio do personagem/homem que sabia javanês, o autor critica aqueles que fingem saber mas não sabem, mostrando que fingir que sabe já é suficiente para ser distinto na sociedade de seu tempo. Como comenta Scliar (1981, p.15), “[...] no Brasil, o importante não é saber falar javanês, fazer de conta já é suficiente”. Por meio do personagem doutor Felismino Praxedes Itapiru da Silva, nome um tanto híbrido, diga-se de passagem, em *Foi buscar lá*, o autor/narrador insinua que este, ao escrever, não faz mais do que copiar o que já foi pré-estabelecido, remetendo então sua crítica à produção literária do país, inspirada, até então, em modelos estrangeiros. Portanto, o autor parece sugerir que alguns escritores de seu tempo nada mais faziam do que repetir o que já fora dito, como ilustrado na fala do narrador sobre Felismino Praxedes: “As citações de textos de leis, de praxistas, de comentadores de toda a espécie, eram múltiplas, ocupavam, em suma, dois terços do artigo; mas o artigo era assinado por ele: doutor Felismino Praxedes Itapiru da Silva” (BARRETO, [200-a]).

No conto *O falso Dom Henrique V*, Barreto critica tal reverência ao que é importado, não por razão de qualidade, mas pelo fato de não ser cultura um elemento traduzível, além de sua importância em se tratando da criação de uma literatura genuinamente nacional. O narrador explica que não seria possível traduzir a literatura dos Bruzundangas por ser muito específica à língua e destaca: “[...] porque certas formas de dizer e de pensar são muito expressivas na língua de lá, mas que numa tradução instantânea para a de cá ficariam sem sal, sem o sainete próprio, a menos que não quisesse eu deter-me anos em tal afã” (BARRETO, [200-a]).

A gramatiquisse, à qual é dada grande ênfase no país de então, a perfeição da forma, o uso da língua do colonizador de forma “correta”, não passaram despercebidos por Lima Barreto. É interessante notar que uma boa parte das pessoas da metrópole que viveram e viviam no país não teria tais habilidades. Cabe salientar que muitos destes imigrantes que vieram para o Brasil no período da colonização, eram criminosos, presidiários, dentre outros. Não é de se admirar que Barreto faria sua crítica a este respeito. Em *A Nova Califórnia* (em *A Nova Califórnia e outras histórias*, BARRETO, [200-c]), o escritor usa do personagem capitão Pelino, morador da cidade de Tubiacanga para expressar sua crítica:

Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era *gramático*. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadas do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: “não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve “um outro”, “de resto”...” e contraía os lábios como se tivesse engolido alguma coisa amarga (BARRETO, [200-c], grifo nosso).

Além disso, o escritor mostra como a questão gramatical é tida como primordial. Em *Como o homem chegou*, o personagem gramatiquero comenta: “Vê, Tucolas, como anda o nosso ensino! Os professores não sabem os elementos de gramática, e falam como negros da senzala.” (BARRETO, [200-c]). Portanto, a obra de Barreto deixa evidente que o domínio da Língua Portuguesa se torna mais um divisor social e de poder no país, mas que isto não se aplicava, quase sempre, aos novos imigrantes (“brancos”) que começaram a chegar ao Brasil nos fins do século XIX.

Mulher

Somando-se ao elemento língua, outro aspecto discutido na crítica pós-colonial é a questão das mulheres e sua participação no processo de independência de uma nação: suas contribuições e o modo como são vistas e aceitas, ou não, em suas sociedades. Porém, apesar de se esperar das mulheres engajamento na luta nacionalista, não se deve esquecer de que elas são submetidas a uma conduta feminina pré-determinada pela sociedade patriarcal. Parece paradoxal que elas devam se engajar na luta contra a dominação colonial, quer seja política, quer social ou cultural, mas, ao mesmo tempo, é negado às mesmas o direito à igualdade perante os homens. Isto faz com que a experiência feminina de colonização seja dupla: por um lado, a mulher tem que lutar pela liberdade da nação; por outro, ela também tem que lutar pela sua liberdade como mulher, empenhando-se para não resumir sua função em dois aspectos—a de casamento e a de geradora de filhos.

Em se tratando das personagens femininas de Lima Barreto, estas fazem parte de um universo complexo e encantador no qual, porém, o poder patriarcal impera. Mulheres que, às vezes, são extremamente passivas, como Ismênia em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (BARRETO, 1992); ativas e fortes, como Olga na mesma obra, e até mesmo enganadoras, como Gilberta em *Numa e a Ninfa* (BARRETO, [200-b]). Por um lado, a criação das mulheres ou, digamos, a sua representação, na obra barretiana, dá margem à visão crítica de que ele era misógino; por outro lado, pode-se dizer que o escritor se empenha em mostrar a causa feminina como o fez no tocante à classe social e à raça. O argumento de Cury (1981), entretanto, busca desmistificar as críticas que têm atacado e classificado Lima Barreto como misógino. Segundo a autora,

[...] se muitas vezes ele se declara um antifeminista, se até nega inteligência criativa à mulher, a essas atitudes contrapõe a denúncia da exploração de que ela é vítima em nossa sociedade. Em segundo lugar, pela importância de suas observações, considerando-se a época em que foram feitas. Que outro autor assumiu com tanta lucidez e coragem a defesa da mulher naquele momento histórico? (CURY, 1981, p.28).

O ponto abordado por Cury (1981) é pertinente à visão das personagens femininas barretianas, como a já citada Olga, a qual desafia as barreiras impostas às mulheres e se engaja na luta contra a dominação patriarcal pós-colonial. Porém, o escritor também critica as mulheres, como pode ser evidenciado na descrição que o narrador de *O número da sepultura* faz da personagem Zilda, descrita como uma “pequena burguesa, de reduzida instrução e, como todas as mulheres, de *fraca curiosidade intelectual*” (BARRETO, [200-a], grifo nosso). Pode-se argumentar que o autor faz esta crítica não por ser machista, mas por não se conformar com a passividade feminina. A escolha dos vocábulos *de fraca curiosidade intelectual* mostra isto claramente, ou seja, o autor/narrador parece sugerir que as mulheres “acordem” e procurem fazer alguma coisa para mudar sua condição subalterna ao invés de passarem a vida a esperar por um marido de posição social de destaque para se casarem, como é o caso de Ismênia em *Polícarpo Quaresma*, e assim acabarem apenas por serem transferidas do controle do pai para o do marido. Ou seja, a colonização da nação, e por analogia da mulher, simplesmente se perpetua. Como observa o narrador em *O número da sepultura*, as mulheres apenas acabam “passando da obediência dos pais para a do marido, [...] Havia a quase igualdade de gênios e hábitos de seu pai e seu marido” (BARRETO, [200-a]). Esta observação no conto, a qual funciona como uma metáfora na figura da mulher, sugere uma crítica à situação do país. As classes sociais subalternas e as mulheres não experienciam mudanças e o controle só muda de mãos dentro da própria elite. Há uma sensação de que o escritor parece gritar em seu texto para que as pessoas lutem por mudanças e que não se entreguem como consequência de uma aceitação passiva de poder a que se acostumaram. Aceitação esta que ele expressa por meio da figura feminina quando escreve mais adiante, no mesmo conto: “[...] a mulher era quase passiva e tendo sido educada na disciplina ultra-regrada e esmerilhadora de seu pai, velho funcionário, obediente aos chefes, aos ministros, aos secretários destes e mais bajuladores [...] não tinha assomos nem caprichos, nem fortes vontades” (BARRETO, [200-a]). Não só a mulher como também as classes dominadas simplesmente repetem o que se habituaram e foram treinadas a aceitar como norma ou normal.

Ademais, a situação da mulher mostrada por Lima Barreto exemplifica o argumento pós-colonial de que mulheres e homens não experienciam uma libertação nacional por igual, pois se vê, de maneira geral, que a descolonização não traz às

mulheres os mesmos benefícios que proporciona aos homens. Estas continuam na posição de desvantagem, especialmente no meio político e, na maioria dos casos, não têm nem mesmo direito ao voto, como era o caso no Brasil daquela época. Isso sem mencionar o poder de decisão e comando que a elas não era dado, como exemplificado sobre a situação no reino de Bruzundangas em *O falso Dom Henrique V*, quando o narrador observa que “[...] lá, convém lembrar, havia uma espécie de lei sálica que não permitia princesa no trono” (BARRETO, [200-a]).

Portanto, pode-se argumentar que Lima Barreto retrata a situação das mulheres de forma a denunciar a falta de progresso para elas com a independência, as quais parecem ter sido condenadas a serem sujeitas exclusivas da esfera doméstica. Tal ponto pode ser observado na conclusão que o narrador de *Quase ela deu “sim”; mas...* faz do preguiçoso João Cazu, quando informa ao leitor que “[...] restava-lhe a grave preocupação de encontrar quem lhe lavasse e engomasse a roupa, remendasse as calças e outras peças do vestuário, cerzisse as meias, etc., etc. Em resumo: *ele queria uma mulher, uma esposa*, adaptável ao seu jeito descansado” (BARRETO, [200-a], grifo nosso). Porém, Cazu não teve tanta sorte pois sua pretendida o dispensa. O escritor parece insinuar com isto que as mulheres devem aprender a dizer não para os usurpadores; e não somente as mulheres, como também todas as pessoas que estão em situações de desvantagem. Como a pretendida não viu nenhum benefício em ter Cazu como esposo, uma vez que ela era viúva e liberta da dominação masculina, não teria razões ou vantagens em voltar ao domínio de um “colonizador”, um explorador que em nada acrescentaria à sua vida. Pode-se sugerir então que Lima Barreto apresenta suas personagens femininas não sob uma visão misógina, mas para mostrar que estas não alcançaram muito, ou mesmo, quase nada com a independência do país há quase um século anteriormente ao período em que ele escreve.

Nacionalismo

Nacionalismo é um tema constantemente discutido na crítica pós-colonial. Mudanças em um país previamente colônia, incluindo mudanças políticas, levam teóricos da área de estudos pós-coloniais a caracterizarem nacionalismo como inerentemente dominador, absolutista, essencialista, e destrutivo (CHRISMAN, 2004). É dessa forma que o nacionalismo parece ser retratado em Lima Barreto. Por exemplo, o escritor faz uso da figura do então presidente Floriano Peixoto como o representante deste absolutismo e expõe a dominação política do país por políticos corruptos e exploradores do povo, os quais controlam a política por meio de violência e de mortes. Um poder que quem contesta ou questiona é morto, como ocorre em *Policarpo Quaresma*. Nacionalismo na obra de Lima Barreto é representado como resultante da febre do desenvolvimentismo nacional e do frenesi da *belle époque*,

fatores estes que despertaram a consciência nacional e, possivelmente, o sentimento de brasilidade.

De acordo com McLeod (2000), consciência nacional e cultura nacional são inseparáveis uma da outra e, para o mesmo autor, a resistência anti-colonial não pode suceder sem estas. Porém, em Barreto, percebe-se uma crítica a um nacionalismo exacerbado, no qual uma minoria recorre a questões supostamente nacionalistas para buscar vantagens sobre a grande parte da população que sofre com vários problemas no país. Tais problemas podem ser melhor explicados nas palavras de Spivak (apud CHRISMAN, 2004, p.188, grifo do autor), segundo a qual, “São os interesses elitistas da burguesia que o nacionalismo é dito servir, necessariamente sacrificando ou ‘ignorando’ os interesses dos grupos ‘subalternos’”. Entretanto, Spivak não é a única a criticar os problemas concernentes ao nacionalismo, uma vez que outros pesquisadores na área de estudos pós-coloniais têm caracterizado nacionalismo como um movimento que promove os interesses de um grupo particular enquanto este diz representar um todo. McClintock (apud CHRISMAN, 2004), por exemplo, discorre sobre a relação entre mulheres e nacionalismo, e interpreta tal relação como sendo um projeto patriarcal que se opõe às necessidades das mulheres e às metas de igualdade de gênero. São bastante evidentes as referências barretianas à exploração de grupos em desvantagem. O escritor expõe uma elite exploradora que se beneficia das camadas descritas por Spivak como “subalternas”, as quais, em Barreto, incluem, por exemplo, índios, negros, mulatos e mulheres.

Lima Barreto também mostra que não há o sentimento “de unidade” entre os nacionais, como sugerido por Gilroy (apud MCLEOD, 2000) em outro contexto, mas uma divisão social bem estabelecida como consequência da classe, gênero e etnia das quais se é proveniente. O mito sobre nação, de que há uma aproximação por semelhança entre aqueles pertencentes a uma mesma região e o sentimento de coletividade, parece não existir. O que é mostrado, entretanto, é a ideia de que muitos querem passar para o “lado de lá”, ou seja, para o lado do dominador, dos poderosos. O escritor chega até mesmo a trazer a figura do índio como o verdadeiro dono da terra, sugerindo o retorno do país às suas origens. Porém, é evidente que ele usa desta metáfora para criticar o sentimento de nacionalismo desenvolvido no país desde a literatura romântica e, ao mesmo tempo, tal atitude pode estar ligada a um dos mitos sobre nação, de acordo com o qual nações estimulam a consciência dos povos de que eles são os verdadeiros donos de uma terra específica (MCLEOD, 2000). O índio constantemente aparece nas artes brasileiras, incluindo literatura, como símbolo nacional—o verdadeiro habitante, senão mesmo, dono da terra. Tal exposição do índio é um tanto paradoxical, uma vez que há, ironicamente, a exploração, ou até mesmo uma super-exposição, da figura indígena pela literatura nacional, ao se alegar a recuperação do passado e da cultura deste por meio do texto literário.

Ademais, a não identificação das pessoas nacionais entre si e a preocupação com o sentimento de pertencer a um lugar, a um povo, a uma cultura, são mostradas pelo escritor. E Lima Barreto vai além e demonstra uma preocupação em relação à perda deste sentimento nacional em consequência do contato com outras nações e culturas, já que há o risco eminente da pessoa sofrer transformações como consequência disto. Tal fato pode ser ilustrado no conto *Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miquéias Habacuc* (também conhecido como *Conto argelino*), no qual o escritor oferece uma importante ilustração do que hoje se discute nos estudos pós-coloniais em análises de “narrativas de viagem”⁴. Em tal perspectiva, debate-se a respeito de como o contato com outras culturas mudam e/ou podem influenciar uma pessoa, a ponto de torná-la estranha e, ao mesmo tempo, despertar nesta mesma pessoa um sentimento de superioridade em relação a seus compatriotas. No conto, o protagonista Ali, de origem argelina, deixa seu país e vai viver na Grécia, onde “viveu, [...] adquiriu dos gregos muitos hábitos, costumes e vícios [...] suas obras de filosofia [...] literárias” e o narrador acrescenta que os gregos “procura[va]m com a máxima habilidade e sabedoria enganar não só os estrangeiros, como os seus próprios patrícios” (BARRETO, 2003a). Ou seja, o escritor mostra como o contato com o diferente, ou mesmo, com “o colonizador”, pode mudar as pessoas, como explicita ainda no mesmo conto: “Ali, apesar de ser muçulmano, foi atraído para o meio dos gregos e, com eles, aprendeu as suas espertezas, maroscas e habilidades para enganar os outros” (BARRETO, 2003a). Seu contato com o “colonizador” faz com que esqueça as causas pelas quais lutam os colonizados dos quais ele é parte. Contrariando o que se esperaria dele, Ali passa a exercer o papel até então interpretado pelo colonizador, como sugerido quando o narrador observa: “Em pouco, Ali ficou inteiramente convencido da sua imensa superioridade sobre os seus humildes e resignados irmãos” (BARRETO, 2003a).

As atitudes de Ali podem ser usadas como uma boa ilustração para o que Bhabha (2005) refere como “mímica”, uma vez que Ali copia a cultura que pensa ser superior e passa a explorar seus nacionais, até mesmo sua família. Sua aprendizagem o faz sentir não apenas superior como também estranho aos seus compatriotas e familiares. Com a invasão francesa da Argélia, ele tinha com os franceses uma relação mais pródiga do que o pai e “fingia ter as suas maneiras e usos” (BARRETO, 2003a). O contato com outra cultura e a aprendizagem que adquiriu o tornou diferente. De fato, o próprio escritor parece ver a aprendizagem como uma forma de separar as pessoas pertencentes a um mesmo grupo, incluindo ele próprio, e, conforme “[...] deixou escrito em seu diário, a formação intelectual que teve o havia afastado dos seus próprios irmãos, de vez que um era guarda civil e o outro condutor de trens” (MORAIS, 1983, p.26).

⁴ Ver, por exemplo, o estudo de Clifford (1992), o qual oferece uma abordagem geral sobre diferentes discussões a respeito de narrativas de tal gênero.

Raça e classe social

Os fatores raça e classe social têm um significado importante nos estudos pós-coloniais; ambos expõem as relações que se estabelecem entre as pessoas em contextos que foram colônias após a independência. Por exemplo, tais relações raciais e de classe tendem a expor um problema comum em países ex-colônias: o risco de aqueles que ocuparem as posições de poder traírem o interesse comum a uma grande maioria para privilegiar poucos, como alerta Fanon (apud MCLEOD, 2000). É o que acontece no país criticado por Lima Barreto, onde uma minoria de “brancos” tomam o poder. Portanto, não é de se surpreender que tenham sido criados, no Brasil, projetos e ideologias como o de branqueamento da nação⁵. De fato, o que acontecia no país pode ser relacionado a um dos conceitos de construção de diferença racial⁶ que é interpretado na crítica pós-colonial como “*construções políticas* que servem os interesses de certos grupos de pessoas” (MCLEOD, 2000, p.110, grifo do autor). Ou seja, Barreto simplesmente retrata tal problema em sua obra, ao invés de imaginá-lo baseando-se em um complexo de classe ou de origem étnica. Como vários estudiosos já mostraram (por exemplo, NASCIMENTO, 1995; SKIDMORE, 1993; STAM, 1993), diferença racial é um problema real no Brasil, como pode ser exemplificado por meio da previsão feita pelo pseudo-cientista João Batista de Lacerda em 1912, de que em 2012 a população negra no país chegaria a zero por cento, enquanto a mulata corresponderia a três por cento⁷.

Portanto, a abolição da escravatura em 1888, no Brasil, ao invés de melhorar a situação dos ex-escravos, acabou por torná-los ainda mais miseráveis, uma vez que, nas palavras de Nascimento (1999, p.380) “[...] não só a elite, mas todos da sociedade brasileira fecharam as vias pelas quais negros poderiam ter sobrevivido; eles fecharam todas as possibilidades de uma vida descente e digna para os ex-escravos”. Com a abolição, os negros passaram a vagar sem rumo e sua mão-de-obra acabou sendo substituída por estrangeiros, geralmente brancos. Outros já não mudaram muito sua condição original de escravo. Lima Barreto ataca de forma mordaz a condição a que os negros são submetidos no país de seu tempo. O negro presente em sua obra, geralmente referido como “o preto”, “a preta”, quando tem um trabalho, são subempregos; entretanto, isto não ocorre somente com o negro, mas também com o mulato. Por conseguinte, a raça “branca” é tida como a superior, seguindo as ideias europeias de superioridade desta, visto que “[...] no século XIX, por toda a Europa,

⁵ Ver Skidmore (1993) para mais informações sobre o assunto.

⁶ Não se pretende entrar em uma discussão sobre raça ou etnia pela sua natureza complexa e depende do ponto de vista que se queira tomar, seja sociológico, antropológico, dentre outras interpretações. Quando se lê “raça”, está-se referindo, neste estudo, à origem ou a grupos étnicos presentes na literatura de Lima Barreto.

⁷ Stepan (1991) coloca tal debate em pauta, ao discutir eugenia, raça, e nação no Brasil.

era crença comum que a população mundial existia como uma hierarquia de raças baseada em cor, com brancos europeus sendo considerados os mais civilizados e os negros africanos como os mais selvagens” (MCLEOD, 2000, p.77).

Barreto mostra tal veneração pela raça branca de forma sarcástica; ele dá poder a tal grupo para depois atacá-lo. Em *Miss Edith e seu tio*, o casal de ingleses chega a uma pensão no Rio de Janeiro para se hospedar e apresenta-se como tio e sobrinha. Os hóspedes notam a superioridade do casal inglês. Quando uma das hóspedes, dona Sofia, faz uma crítica sobre os estrangeiros, é repreendida por outro hóspede, o doutor Benevente, o qual declara: “Não diga tal, Dona Sofia. O que nós precisamos é de estrangeiros.” (BARRETO, 2003b, p.7). Adiante, ao comparar os estrangeiros aos brasileiros, o doutor acrescenta: “Os ingleses não são esses egoístas que dizem. O que eles não são é esses sentimentais piegas que nós somos, choramingas e incapazes. São fortes e” (BARRETO, 2003b, p.8). É porém interrompido pelo Major Meto, outro hóspede, o qual não deixa tais declarações passarem impunes: “Fortes! Uns ladrões! Uns usurpadores!” (BARRETO, 2003b, p.8). Na fala do Major Meto, tem-se a explosão do sentimento de reação contra a dominação do colonizador. Não se pode esquecer que o Reino Unido possuía colônias e, com certeza, era o maior império colonial daquele momento e, como Portugal e França, impunha seu sistema colonial em várias partes do globo. Mas Benevente ainda tenta defender os ingleses: “Meu caro senhor; é do mundo: os fortes devem vencer os fracos. Estamos condenados.” (BARRETO, 2003b, p.8). Esta fala reflete o que acontece no país no qual Barreto escreve, isto é, os fortes—“os brancos”—vencem os mais fracos, e não se questiona; é do sistema. Porém, o escritor rejeita tal filosofia e expõe de forma crítica a sua indignação sobre tal relação de poder estabelecida no país, onde a população negra parece estar sendo punida por uma coisa da qual não é culpada. Como poderia estar preparada para competir com a classe dominante, composta basicamente de “brancos”, sem ter tido oportunidade para isto? Nas palavras de Nascimento (1995, p.246, grifo do autor),

[...] afro-brasileiros, aos quais as classes dominantes de origem branca europeia não tinham permitido que se preparassem para o sistema de trabalho de livre mercado, foram *rejeitados* como fonte de mão-de-obra no novo sistema. Caio Prado fala sobre o “estímulo” da imigração europeia de trabalhadores para superar a falta de mão-de-obra.

Porém, o estímulo da imigração europeia que Prado cita não se resume em preencher este espaço no campo de trabalho, mas, principalmente, é parte do já mencionado projeto de branqueamento da nação. A “superioridade” europeia é novamente mencionada, de forma crítica, mais adiante no mesmo conto, quando o narrador descreve o tio de Miss Edith:

O inglês era outra coisa: brutal de modos e fisionomia [...] olhava todos com *desdém e superioridade* esmagadora e *realçava* essa sua *superioridade* não usando ceroulas, ou vestindo blusas de jogadores de golf ou bebendo cerveja com rum. Não se ligaram a ninguém na pensão e *todos suportavam aquele desprezo como justo e digno de entes tão superiores* (BARRETO, 2003b, p.10, grifo nosso).

Esta oração escolhida para fechar a descrição é um tanto sarcástica e mostra a prostração e adoração do nativo ao que vem de fora, à superioridade europeia. Tal sarcasmo é também evidente quando o narrador descreve, em outro momento, o comportamento da “preta Angélica”—como ele se refere à “faxineira, copeira e que faz de tudo um pouco”—ao ver Miss Edith dormindo pela manhã, quando esta leva o café-da-manhã da inglesa: “Em Angélica, a cousa tomara feição intensamente religiosa. Pela manhã, quando levava chocolate ao quarto da miss, a pobre preta entrava medrosa, tímida, sem saber como tratar a moça, se dona, se moça, se patroa, se minha Nossa Senhora” (BARRETO, 2003b, p.11). O trecho citado evidencia claramente a reverência do negro ao branco, mesmo que a escravidão já tivesse acabado oficialmente.

Ademais, o narrador usa de ironia ao julgar a percepção que Benevente tinha do casal inglês, fato que sugere uma alfinetada do escritor no “projeto de branqueamento” e purificação racial no país, lembrando a muitos dos envolvidos, indiretamente, as possíveis origens étnicas que podem ter, mesmo que se considerem superiores, isto é, brancos. O narrador observa: “Benevente julgava-os nobres, um duque e sobrinha; tinham o ar de raça, maneiras de comando, depósito da hereditariedade secular dos seus ancestrais, *começada por algum vagabundo companheiro de Guilherme da Normandia*” (BARRETO, 2003b, p.10, grifo nosso). O narrador encerra o trecho de forma clássica; sua crítica nos remete às possíveis origens de vários integrantes da classe dominante brasileira de seu tempo, ou seja, de ex-presidiários portugueses, bandidos, ladrões, dentre outros, que foram degredados no país durante o período da colonização. O escritor enfatiza, porém, que o problema é definir quem é quem, a que etnia a pessoa pertence. Devido ao cruzamento de diferentes grupos raciais, a população é mais híbrida. Barreto faz questão de enfatizar a mistura resultante dos contatos raciais, como pode ser evidenciado em *Foi buscar lá*, cujo narrador informa-nos o seguinte sobre o Doutor Felismino Praxedes Itapiru da Silva: “não se podia dizer que fosse mulato, mas também não se podia dizer que fosse branco” (BARRETO, [200-a]). Em *Hussein Ben-Áli Al-Bálec*, o autor também constrói um personagem híbrido, Hussein, o qual é resultante da mistura de pai argelino e mãe israelense.

Portanto, Lima Barreto mostra, em sua obra, a complexa questão racial no Brasil de seu tempo e a violência que é gerada como consequência do amálgama racial brasileiro; violência esta que parece ter se perpetuado no país no intuito de

manter um modelo que visa “[...] proteger e garantir a continuidade de um sistema altamente racializado” (NUNES, 1994, p.116). Porém, a opressão racial que advém de tal modelo parece ser obscurecida “[...] pela falta de tensão racial aparente e pelo fato de que os negros e mulatos, geralmente, têm condições de vida semelhantes a muitos brancos da classe baixa e mestiços quase brancos” (STAM, 1993, p.184). Lima Barreto mostra isto claramente quando apresenta os muitos imigrantes brancos e brancos pobres sobre os quais informa-nos que se misturavam nas áreas habitadas por negros e mulatos. Um exemplo é o personagem doutor Bogoloff em *Numa e a Ninfa*, o qual residiu na casa do mulato Barba-de-bode por um período de tempo, e de lá saiu para trabalhar no governo (mesmo sem saber português) em projetos que nunca saíam do papel, ao passo que o brasileiro Barba-de-bode não conseguira um trabalho no governo exatamente por não saber ler nem escrever bem.

Considerações finais

Lima Barreto produz sua obra em um período de muitas mudanças no Brasil, não apenas no sistema governamental como também na literatura. Escritor do período pré-moderno expõe os problemas que afligem a população de maneira geral. Sua crítica ao nacionalismo exarcebado não passou despercebida e “[...] o ressentimento do mulato enfermiço e o suburbanismo não o impediram [...] de ver e de configurar com bastante clareza o ridículo e o patético do nacionalismo tomado como bandeira isolada e fanatizante” (BOSI, 1994, p.318). Barreto mostra que o que se desenvolveu no país foi um nacionalismo que exclui e que representa os interesses de poucos; do frenesi da classe dominante com o desenvolvimento do país durante a chamada *belle époque*, em que se acreditava na possibilidade de fazer do país uma potência mundial. Porém, o escritor não deixa isto passar ileso diante de sua crítica ferrenha. Em outras palavras, ele denuncia o custo para se alcançar o progresso, a exploração do povo e a crescente violência, mostrando assim o contexto bem conturbado da época.

O autor faz uso de uma literatura de cunho social, ao invés de preocupar-se com a aceitação da elite cultural; atitude esta que pode ser explicada recorrendo a Johnson (2004), para quem a literatura frequentemente assume a forma de crítica social através da ficção, gerando inúmeras denúncias da violência, desigualdade e injustiça das relações sociais do país. Lima Barreto mostra isto muito bem, incluindo o abuso de poder pelas classes dominantes, a enorme diferença social, econômica e/ou cultural entre ricos e pobres e a injustiça e impunidade dos crimes cometidos por membros da classe dominante. Ademais, o escritor lança mão da literatura para expressar sua inquietação com o rumo que o país estava tomando. Porém, ele adota uma linguagem mais popular, talvez própria, rejeitando assim a repetição de

uma linguagem requintada; ou seja, não apresenta, conseqüentemente, um estilo e gramática como a de outros escritores aceitos pela elite cultural como referência literária. Ele recorre à língua para retratar os acontecimentos no país e para discutir o desenvolvimento cultural, além do contexto social e político, respectivamente. Portanto, espera-se que o enfoque dado à obra de Lima Barreto neste artigo tenha mostrado não somente possibilidades de novas releituras como também o quanto esta é atual, pois evidencia, em sua totalidade, as conseqüências do sistema colonial para o país, o qual uma vez copiado parece ter sido perpetuado.

DA SILVA, A. M. Lima Barreto: a postcolonial rereading of the author's work. *Revista de Letras*, São Paulo, v.54, n.1, p.51-70, jan./jun. 2014.

- **ABSTRACT:** *This study conducts a postcolonial rereading of Lima Barreto's work in order to understand the themes discussed by him and how he relates them to the existing problems in Brazil of his time. The analysis engages with Barreto's work in its entirety—novels, some of his tales and short stories—aiming to show how different elements of his work provide information to understand a postcolonial country, in theory, but that, at the same time, seems to have perpetuated the colonial structures in practice. Therefore, this study focuses on five themes in particular that have been recurrent in postcolonial studies: language, women, nationalism, social class and race, as they provide various elements needed to the discussion being undertaken and contribute to the rereading proposed in this research.*
- **KEYWORDS:** *Lima Barreto. Postcolonialism. Brazilian Literature. Nationalism. Language. Women.*

Referências

ANTÔNIO, J. **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto:1881-1922**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **O homem que sabia Javanês e outros contos**. Pará de Minas: Virtual Books Online, [200-a]. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/?idioma=Portugues&cid=00289>. Acesso em: 4 mar. 2012. Não paginado.

_____. **Numa e a Ninfa**. Pará de Minas: Virtual Books Online, [200-b]. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/?idioma=Portugues&id=00295>. Acesso em: 15 maio 2012. Não paginado.

_____. **A nova califórnia e outras histórias**. Pará de Minas: Virtual Books Online, [200-c]. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/?idioma=Portugues&id=00290>. Acesso em: 20 abr. 2012. Não paginado.

_____. **Os Bruzundangas**. Pará de Minas: Virtual Books Online, 2000. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/?idioma=Portugues&id=00294>. Acesso em: 20 abr. 2012. Não paginado.

_____. Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miquéias Habacuc (Conto argelino). Pará de Minas: Virtual Books Online, 2003a. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/?idioma=Portugues&id=00285>. Acesso em: 10 jun. 2012. Não paginado.

_____. **Miss Edith e seu tio**. Pará de Minas: Virtual Books Online, 2003b. p.1-13. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/?idioma=Portugues&id=00278>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BEIGUELMAN, P. **Por que Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BHABHA, H. K. **The location of culture**. New York: Routledge, 2005.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 42.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CHRISMAN, L. Nationalism and postcolonial studies. In: LAZARUS, N. (Ed.). **The Cambridge companion to postcolonial literary studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.183-198.

CLIFFORD, J. Travelling cultures. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. A. (Ed.). **Cultural studies**. New York: Routledge, 1992. p.96-116.

CORONIL, F. Latin American postcolonial studies and global decolonization. In: LAZARUS, N. (Ed.). **The Cambridge companion to postcolonial literary studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.221-240.

CURY, M. Z. F. **Um mulato no reino de Jambom**: as classes sociais na obra de Lima Barreto. São Paulo: Cortez, 1981.

FANTINATI, C. E. **O profeta e o escrivão**: estudo sobre Lima Barreto. São Paulo: Ilpha-Hucitec, 1978.

FIDDIAN, R. (Ed.). **Postcolonial perspectives on the cultures of Latin American and Lusophone Africa**. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

JOHNSON, R. Brazilian narrative. In: KING, J. (Ed.). **The Cambridge companion to modern Latin American culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.119-135.

LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MCLEOD, J. **Beginning postcolonialism**. New York: Manchester University Press, 2000.

MORAIS, R. **Lima Barreto: o elogio da subversão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NASCIMENTO, A. Afro-Brazilian ethnicity and international policy. In: DAVIS, D. J. (Ed.). **Slavery and beyond: the impact on Latin America and the Caribbean**. Wilmington: SR Books, 1995. p.233-252.

_____. The myth of racial democracy. In: LEVINE, R. M.; CROCITTI, J. J. (Ed.). **Brazil reader: history, culture, politics**. Durham: Duke University Press, 1999. p.379-381

NUNES, Z. Anthropology and race in Brazilian modernism. In: BARKER, F.; HULME, P.; IVERSEN, M. (Ed.). **Colonial discourse, postcolonial theory**. New York: Manchester University Press, 1994. p.115-125.

SANTOS, E.; SCHOR, P. Brasil, estudos pós-coloniais e contracorrentes análogas: entrevista com Ella Shohat e Robert Stam. Tradução de Maria Isabel de Castro Lima. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.2, p.701-726, 2013.

SCLIAR, M. Os cem anos de Lima Barreto: o maroto. **Leia Livros**, São Paulo, v.35, n.4, 1981.

SILVA, H. P. **Lima Barreto, escritor maldito**. Rio de Janeiro: Departamento Gráfico do M.A.F.C., 1976.

SKIDMORE, T. **Black into white: race and nationality in Brazilian thought**. Durham: Duke University Press, 1993.

STAM, R. Cross-cultural dialogisms: race and multiculturalism in Brazilian cinema. In: KING, J.; LOPEZ, A. M.; ALVARADO, M. (Ed.). **Mediating two worlds: cinematic encounters in the Americas**. London: BFI Publishing, 1993. p.175-191.

STEPAN, N. L. **The hour of eugenics: race, gender, and nation in Latin America**. London: Cornell University Press, 1991.